

A Hermenêutica Bíblica em Martinho Lutero

João Henrique dos Santos ¹

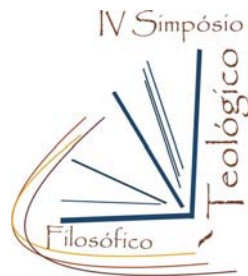
Doutorando / UFJF / Ciência da Religião

RESUMO

Ainda que para muitos autores seja controverso se houve uma efetiva ruptura entre a hermenêutica dos Reformadores e a medieval, nota-se em Martinho Lutero o duplo movimento de descontinuidade e resgate da tradição medieval na perspectiva da hermenêutica bíblica. Sua formação agostiniana sofreu também a forte influência da chamada *via moderna*, em razão de seus anos de estudo em Erfurt, nos quais teve contato direto com mestres dessa corrente, de tendências marcadamente occamistas, continuando a influência que o convívio com os Irmãos da Vida Comum, iniciado em Magdeburg, teve para a formação espiritual e teológica de Lutero, de modo especial pela ligação dessa ordem de leigos, dedicados à educação, com a *devotio moderna*, que defendia a adoção simultânea do cristianismo e do humanismo, sendo, por isso, chamada por alguns de “humanismo cristão”. Isto resultou em uma importante descontinuidade na perspectiva hermenêutica que Lutero veio a desenvolver em seus escritos. Nestes, o Novo Testamento não era mais considerado uma explicação do Antigo Testamento: Lutero resgatou a *Quadriga* da exegese medieval, a busca pelos quatro significados do texto bíblico: *sensus litteralis*, *sensus alegoricus* ou *mysticus*, *sensus tropologicus* ou *moralis* e *sensus analogicus*. Contudo, soube, em suas obras, ressignificar tais significados, dando-lhes nova expressão.

HERANÇA MEDIEVAL E O PESO DA FORMAÇÃO DE LUTERO

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora; Professor da Universidade Gama Filho (RJ). E-mail: jhsantos@mandic.com.br Endereço: Rua Mário Barreto, 258 – Granja Florestal, Teresópolis, RJ, CEP: 25974-300.



Não existe uma distinção não muito clara entre as hermenêuticas medieval e inicial hermenêutica reformada. Não é facilmente perceptível uma linha divisória entre a hermenêutica praticada pelos teólogos medievais e pelos teólogos reformadores e reformados.

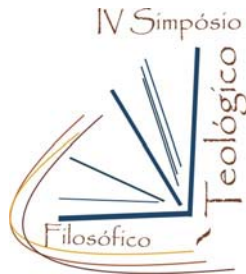
Johann Faber, hermeneuta de linha agostiniana na transição do medievo para a modernidade, afirmava que o sentido literal de textos do Antigo Testamento seria sempre profético ou cristológico. Seria Cristo a falar, por exemplo, nos Salmos e sobre ele mesmo, posição defendida por Lutero quando de sua docência em Wittenberg, ao ministrar suas Lições sobre os Salmos. Daí emergiria a missão do estudioso e do leitor da Sagrada Escritura ²: importava mais à Igreja que o pregador esclarecesse como e quando o Cristo falava de si ou de seu corpo místico, a Igreja, do que uma exegese original, gramatical ou histórico-literária.

Lutero desenvolveu sua análise e visão bíblica dentro fiel à sua formação agostiniana ³, impregnada de neoplatonismo que elaborou a noção de que a ação de Deus em Israel, em Cristo e no mundo era feita através do Espírito; o mesmo Espírito que, quando da leitura bíblica, permitia o estabelecimento de uma relação entre o leitor e a Escritura. Se a ação de Deus em toda a história de Israel se fazia pelo Espírito, visando a Cristo e à Revelação, Lutero lia o Novo Testamento como uma simples explicação do Antigo Testamento, como um fim deste, como um *ut*.

A exegese medieval, visando a formular explicações sobre o Novo Testamento, para além de mera explicação do Antigo, reformulou seu método alegórico de interpretação, chegando ao que foi chamado de Quadriga, ou a busca pelos quatro significados do texto bíblico. São eles: *sensus litteralis*,

² Faber teria sido dominicano, mas não existe certeza sobre o fato, que é aceito como verdadeiro pela tradição.

³ Agostinho defende a distinção entre o espírito e a letra, enfatizando mais a intenção do texto, sempre cristológica, do que o sentido literal.



sensus alegoricus ou *mysticus*, *sensus tropologicus* ou *moralis* e *sensus analogicus*.

O sentido literal de um texto bíblico é o histórico, o cristológico. Pode-se também entender um texto em um sentido alegórico ou místico. Neste sentido, é aplicado ao povo de Deus, à igreja, ou à sua doutrina. Se um texto é lido à luz da terceira possibilidade, o tropológico, é aplicado ao crente individual, sua vida interior e sua conduta aqui e agora ^{4 5}.

A *Quadriga* influenciou decisivamente a teologia luterana, sobretudo no tocante à fé e à graça. Estas são imerecidas e independem da ação humana. Constitui-se no embrião dos cinco postulados da *fides reformatata*: *sola fides*, *sola gratia*, *sola Scriptura*, *solus Christus* e *solí Deo gloria* ⁶.

Revela-se importante a formação de Lutero como estudante em Erfurt, de 1501 a 1505. Todos os estudantes de Erfurt deveriam cumprir estudos básicos em artes, após os quais poderiam então encaminhar-se para uma das faculdades especializadas: teologia, jurisprudência (direito) ou medicina. O estudo das artes possibilitou o surgimento dos primeiros humanistas naquela Universidade, o que resultou em uma crise com os teólogos que lecionavam lá. Esta crise era devida ao incentivo à retórica e à lógica e argumentação, em detrimento da dialética. Brecht afirma ⁷ que a formação conferida pelo estudo dessas “artes liberais” influenciava tão profundamente os universitários de Erfurt que os acompanhava durante o restante de seus estudos.

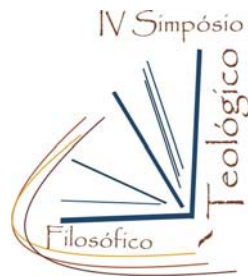
O estudo das artes em Erfurt envolvia uma bastante sólida formação em filosofia, com o contato travado com autores como Aristóteles, Petrus

⁴ KOIMANN, *Luther and the Bible*, p. 34.

⁵ O *sensus analogicus* é auto-explicativo quanto à sua finalidade, a partir de seu próprio nome.

⁶ Somente a fé, somente a graça, somente a Escritura, somente Cristo, somente a Deus se dê glória.

⁷ *Idem*, pp. 27 ss.



Hispanus, o neoplatônico Porfírio, Eberhard de Betúnia e o matemático Euclides, entre outros. Indubitavelmente, o fato de os trabalhos dos minimalistas Jodokus Trutfeter, de Eisenach e de Bartholomäeus Arnoldi, de Usingen, estarem sendo bastante discutidos em Erfurt, refletiu-se na formação de Martinho Lutero, que foi aluno do primeiro e cujas idéias veio a contestar posteriormente ⁸. Estes teólogos integravam o que se chamava de *via moderna*, a escola filosófica baseada nos escritos de Guilherme de Occam, que marcaram profundamente a formação de Lutero em Erfurt. O occamismo tinha distintas influências pelagianas, vendo o homem como um agente livre, mas capaz de cooperar com Deus e de se fazer merecedor da salvação, tese da qual Lutero discordou posteriormente.

O período após 1511 não foi o primeiro em que Lutero foi designado para ensinar em Wittenberg, pois em 1508 ele fora enviado por seus superiores para o Convento Agostiniano daquela cidade, onde ensinaria na Universidade, fundada em 1502 pelo Grande Eleitor, Frederico da Saxônia, o Sábio. Desta feita, em 1511, ele daria aulas sobre a Bíblia, além de funcionar como pároco naquela cidade.

As aulas ministradas por Lutero tiveram, pelo aprofundamento escriturístico que demandaram, imensa importância para ele. Lohse refere as aulas dadas por Lutero em Wittenberg como tendo os seguintes temas: “Salmos”, em 1513-1515; “Romanos”, em 1515-1516; “Gálatas”, em 1516-1517, e “Hebreus”, em 1517-1518. Deve ser destacado que especialmente os cursos sobre os Salmos e sobre a Epístola aos Romanos foram marcantes para que Lutero começasse a formular uma nova teologia. Lohse explica que, no início do século XVI, como herança da teologia medieval, “o Livro dos Salmos era entendido primariamente como o livro das orações de Cristo” ⁹ e,

⁸ BRECHT, Martin. *Martin Luther – his road to Reformation 1483-1521*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 35.

⁹ LOHSE, Bernhard. *Martin Luther: an introduction to his life and work*. Philadelphia: Fortress Press, 198., p. 29.



neste sentido, Lutero focou especificamente na interpretação da mensagem de Cristo.

Assim, as palavras humildade, orgulho, julgamento, confiança e o próprio evangelho receberiam nova significação à luz da cruz de Cristo. Isto possibilitou a Lutero “concentrar-se pesadamente nas relações pessoais do povo com Deus”¹⁰. Desta forma, começou aquilo que Louis Dumont chama de “ideologia moderna”¹¹ e que Gabriella Cotta assinala como “das mais significantes contribuições da Reforma para o nascimento do homem moderno”¹².

O papel central do indivíduo em sua relação pessoal com Deus será um dos traços distintivos da teologia de Lutero. O homem não era mais tomado como “ovelha de um rebanho”, mas sim como indivíduo, com vontade própria e capaz de relacionar-se com Deus sem a necessidade de obrigatória mediação eclesiástica ou clerical¹³. Se essa nova teologia só passou a ser estabelecida e formulada *de facto* após 1517, sem qualquer dúvida os cursos dados por Lutero como professor em Wittenberg lançaram suas sementes.

O contato com as leituras humanísticas e a necessidade de aprofundar-se na leitura e no conhecimento do texto bíblico levaram Lutero a dar uma dimensão evangélica ao lema dos humanistas: *ad fontes!*, “às fontes!”, o que lhe fez estabelecer a Escritura como autoridade primária para a vida cristã.

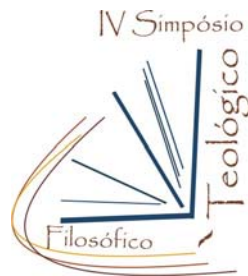
A LEITURA DA BÍBLIA POR MARTINHO LUTERO

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ DUMONT, Louis. *Essais sur l'individualisme*. Paris: Points, 1991, p 5.

¹² COTTA, Gabriella. *La nascita dell'individualismo politico*. Roma: Il Mulino, 2002, p. 10.

¹³ A questão é demasiado complexa para ser aprofundada nesta comunicação. O conceito luterano sobre o “servo-arbítrio” é reputado como um dos mais profundos formulados por Lutero, que lhe rendeu polêmicas com Erasmo, Zwinglio, Calvino, Ecolampádio e outros.

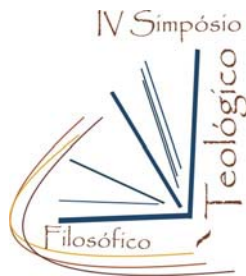


Como professor, Lutero foi incumbido de lecionar sobre os Salmos e as Epístolas. Iniciou seus trabalhos docentes com os Salmos, em 1513. Estas preleções eram realizadas uma vez por semana e no caso dos Salmos durou dois anos. Segundo Raymann, seu método exegético “era *glossae*, que se caracterizava por um comentário crítico e exegético conectado ao texto, e a *scholia*, que implicava no estudo de uma palavra específica ou parte de uma passagem com exposição dos versículos mais importantes. Em contraste com as *glossae*, a *scholia* tem mais de natureza teológica e dogmática e carrega mais das características pessoais do mestre” ¹⁴.

Durante os anos de 1515-1516, ministrou as *Leituras em Romanos*. Para isso, preparou uma edição especial do texto latino com maior espaço entre as linhas e maior margem, que serviu para que escrevesse seu próprio comentário. Para Lutero, destaca-se do texto de Romanos que a salvação se abria a todos os homens, deixando de pertencer unicamente a um povo, no caso Israel. Se é por um viés diferente da interpretação de Calvino que Lutero aborda a eleição – enfatizando que é necessário que o escolhido aceda e responda positivamente ao chamado –, ele, por outro lado, utiliza no século XVI a argumentação paulina para restabelecer a ordem na Alemanha na Guerra dos Camponeses (1524-1525), chegando a, no limite, sugerir que aqueles que erguiam a mão contra um príncipe era contra Deus que o faziam. Contudo, o Reformador alemão não se perdia na discussão acerca do bom governo ou do bom uso que se deve fazer do poder, visto no século XVI não estar mais em questão a possibilidade de divinização do soberano, sendo este, portanto, encarado sempre como um servidor para a glória e pela vontade de Deus.

As *Leituras em Gálatas* e seu comentário foram iniciadas em 1519, quando não mais lecionava como teólogo católico, tendo preparado cuidadosamente o texto a ser impresso. Pela exegese da Epístola aos Gálatas, caracterizou a dupla justificação: pela fé e pelas obras. Esta obra merece

¹⁴ RAIMANN, Ibid., p. 15 e OSWALD e ROBBERT, *Luther as Interpreter of Scripture*.



especial destaque por nela se evidenciarem seus traços distintivos como exegeta que inaugurou novas possibilidades na hermenêutica e na exegese. Quanto ao comentário de Melanchthon no prefácio à segunda edição dessa obra, Schüller afirma: “Sendo a justificação o cerne de Gálatas, Melanchthon não compreende como se poderia ler com proveito a Bíblia sem o princípio condutor deste conhecimento”¹⁵.

Dos seus trabalhos exegéticos merecem destaque: as *Leituras em João*, de 1516, *Comentário do Magnificat*, de 1521, *Leituras em Zacarias*, de 1527, *Leituras em Isaías* (1527-1530), o *Comentário do Sermão do Monte* (1532), *1 Coríntios 15* (1532-33) e as *Leituras de Gênesis* (1535-45) ¹⁶.

Franco Buzzi salienta a importância que os estudos sobre o Salmo 51 ¹⁷ tiveram sobre a formulação dessa nova teologia fundada por Lutero, baseada na graça de Deus. Este salmo penitencial, usualmente atribuído a Davi, inicia com o versículo “Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade”, e confessa em seu versículo 4¹⁸: “Pequei contra ti, contra ti somente”. Buzzi entende que os estudos desenvolvidos por Lutero sobre este salmo, de modo especial, levaram-no a formular sua teologia de justificação pela fé, segundo a qual o homem somente pode ser justificado pela fé perante Deus se Deus o justificar, como se lê:

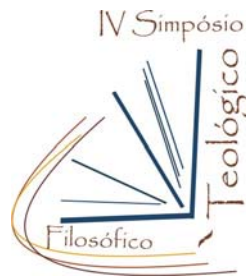
As palavras ou os discursos com os quais Deus se dirige ao homem são, antes de tudo, aqueles da sua lei, a qual acusa o homem de pecado. Quando o homem aceita como justa a acusação que Deus lhe faz na lei e coloca-se diante da lei (que lhe serve como espelho), reconhece-se pecador diante de Deus, enquanto que Deus reconhece justo o homem que se acusa de pecado. Mas este 'dar razão a Deus nas suas palavras' não é outra coisa senão aderir com fé à Palavra de Deus, isto é ter fé ou verdadeiramente remeter-se totalmente com fé àquele Deus que nas palavras da sua revelação se dirige ao

¹⁵ SCHÜLER, D. *Lutero e o Método Hermenêutico*, p. 23.

¹⁶ *Apud* OSWALD e ROBBERT, *Luther as Interpreter of Scripture*. Este livro traz textos exegéticos de Lutero, com uma introdução dos autores.

¹⁷ BUZZI, Franco. *Breve storia del pensiero protestante da Lutero a Pannenberg*. Roma: Ancora, 2007, p. 14. No texto, o autor, seguindo a numeração usada na Vulgata, o refere como Salmo 50.

¹⁸ Em Buzzi, este versículo é citado como o versículo 6, seguindo igualmente a divisão da Vulgata: *Tibi, tibi soli peccavi et malum coram te feci*.



homem. Aqui encontramos já o núcleo central da doutrina luterana da justificação pela fé. Mas é só o início da compreensão. De fato trata-se de dar-se claramente conta de uma coisa: Jesus Cristo mesmo e seu Evangelho são a plenitude dos discursos que Deus dirige ao homem. Portanto, somente quem dá razão a Deus aderindo ao Evangelho de Cristo é considerado justo por Deus: é justificado em razão de sua fé em Cristo.

Ainda quanto à questão sobre a justificação, Lutero, em seu “Comentário à Carta aos Romanos”, de 1515-1516, afirma ¹⁹:

Deus é justificado nas suas palavras significa: ele mesmo torna-se justo e verdadeiro nas suas palavras; ou, por outro lado, as suas palavras tornam-se justas e verdadeiras. Isto ocorre quando se crê nelas acolhendo-as e tendo-as como verdadeiras e justas. A esta justificação, porém, nenhuma outra resistência pode opor-se, se não a soberba do coração humano com a sua incredulidade. Esta, de fato, não justifica [as palavras de Deus]; ao contrário: [a] desaprova e [a] julga. Não crê nelas porque não lhes tem verdadeiras. Mas não lhes reputa verdadeiras porque considera verdadeiro o seu modo de pensar.

“AD FONTES!” – A TRADUÇÃO DA BÍBLIA PARA O ALEMÃO

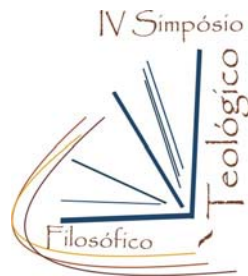
A tradução da Bíblia para o alemão feita por Lutero é considerada o maior acontecimento literário do século XVI ²⁰. Os primeiros textos bíblicos traduzidos foram os *Sete Salmos Penitenciais*, em 1517, onde já se afastava da Vulgata Clementina, mercê de sua atuação como professor.

A tradução da Bíblia teve início em dezembro de 1521, sendo concluída no início de março de 1522. Da primeira tradução, Lutero não excluiu as Epístolas de Tiago, de Judas e aos Hebreus, e o livro do Apocalipse ²¹. Seu critério foram os aspectos cristológicos tendo sido posteriormente modificados. Vale lembrar que, por várias vezes, como registrado nas “Conversas à Mesa”, os *Tischreden*, Lutero afirmou que Tiago era uma “epístola de palha” e que o Apocalipse seria um “livro não revelado”. Sua discordância com a Epístola de

¹⁹ *Apud* BUZZI, Franco. *Op. Cit.*, p. 15.

²⁰ SCHÜLER, A. *Op. Cit.* Os princípios de tradução defendidos e seguidos por Lutero em sua tradução da Bíblia, p. 74.

²¹ REU, M. *Luther's German Bible*, pp. 145s.



Tiago era a contradição existente entre a necessidade de boas obras, presente nesta, e a justificação exclusivamente pela fé, presente na Epístola aos Romanos.

A tradução do Antigo Testamento iniciou em 1522 e se estendeu por doze anos, quando o texto bíblico inteiro foi impresso. Com o intuito de facilitar a obra de tradução, dividiu o Antigo Testamento em três partes: Pentateuco, Josué a Ester e os livros didáticos e proféticos ²². Registra Schüller: “A preocupação em buscar o real sentido do texto fez com que esta tradução tanto demorasse. Lutero fala que, com referência ao livro de Jó, Melanchthon, Aurogallus e ele mesmo mal conseguiram traduzir três linhas em quatro dias. Muitas vezes ficavam durante um mês inteiro à procura de uma palavra e nem sempre a encontravam” ²³.

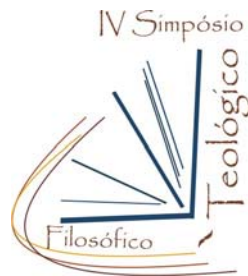
O Antigo Testamento, para Lutero, seria composto de apenas 39 livros, acompanhando a decisão do Concílio de Jâmnia, realizado no ano 100, na cidade daquele nome, na Palestina. Os judeus, ligados aos fariseus, decretaram que a Bíblia Hebraica só teria 39 livros, aqueles em hebraico, escritos dentro da Palestina e antes de Esdras. Por esse critério, os livros de Tobias, Judite, Eclesiástico, Sabedoria, Baruc e os dois livros do Macabeus não fazem parte da Bíblia, porque foram escritos fora da Palestina, depois de Esdras, e não em hebraico.

Entre 1539 e 1541, a tradução da Bíblia foi novamente revisada, recebendo três reimpressões: em 1541, 1544 e 1546. Interpelado sobre sua tradução de um trecho de Romanos, Lutero escreveu sua *Carta Aberta Sobre Tradução* ²⁴, em 1530, enquanto ainda traduzia os livros proféticos do Antigo Testamento. Nesse texto, ele enumerou seus princípios de tradução:

²² REU, M. Idem., pp. 185s.

²³ SCHÜLER, A. *Op. Cit.*, p. 74.

²⁴ Esta obra está traduzida para o espanhol, no vol.VI das *Obras de Martin Lutero*.



Primeiro Princípio: O tradutor deve atender a natureza da língua receptiva, isto é, da língua para a qual traduz.

Segundo Princípio: Deve-se verificar a maneira de o homem comum usar a língua.

Terceiro Princípio: O tradutor deve ter o cuidado de evitar traduções literais infelizes. Quarto Princípio: Há casos em que a tradução literal de uma palavra pode ser a solução acertada.

Quinto Princípio: O tradutor deve ser dono de uma grande reserva de palavras, a fim de que possa escolher a que fica melhor no contexto.

Sexto Princípio: Para poder traduzir bem um texto, deve o tradutor determinar-lhe o sentido no contexto do original.

*Sétimo Princípio: É justo e necessário o sentido do original da maneira mais clara e plena.*²⁵

Deve-se observar que existe aparente e simultânea contradição e complementaridade entre os princípios de três a sete, mas é entre tais parâmetros que se realizou seu trabalho de tradutor, hermeneuta e exegeta.

A HERMENÊUTICA BÍBLICA DE LUTERO

A perspectiva reformadora de Lutero obrigaria a uma reforma na hermenêutica, ou melhor definindo, na leitura da Bíblia pela Igreja ²⁶. Lutero tirou do Magistério a prerrogativa de ser a única voz autorizada a interpretar e ensinar a Escritura, propondo, já em 1520, o livre-exame da Sagrada Escritura por todos os cristãos, mediante a ação do Espírito Santo em cada um.

Na visão de Schüller ²⁷, a exegese de Lutero revestia-se de impressionante atualidade, pois ao comentar os que se opunham a Paulo, identificava-os com seus próprios inimigos e detratores. Para o Reformador, a exegese era um instrumento para a formulação de uma crítica contemporânea, devendo ser permanentemente refeita de acordo com as exigências e necessidades de cada situação.

²⁵ SCHÜLER, A. *Op. Cit.*, analisa estes princípios e acrescenta ilustrações de como Lutero os aplicou.

²⁶ FORDE, G. *Law and Gospel in Luther's Hermeneutic*, p. 240.

²⁷ Cf. SCHÜLER, D. O Princípio Hermenêutico de Lutero, p. 29.



Desistoricizar para recontextualizar, poderia se dizer de sua hermenêutica. O método de Lutero, como foi visto anteriormente, enfatizava o estudo lingüístico e histórico, que modernamente se conhece como método histórico-gramatical. Com esta ênfase, o Antigo Testamento passou a fazer parte da História Sagrada ²⁸.

Em razão de sua hermenêutica não ter sido sistematizada formalmente, o que se pode deduzir de seus escritos é que a seguinte seria a metodologia a ser usada pelos pregadores, visto a finalidade primeira e maior da leitura da Escritura ser a pregação:

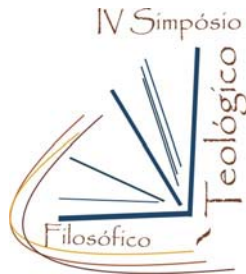
I – Compreensão, pelo leitor, da intenção do autor ²⁹. Para que tal ocorra, faz-se necessário buscar o significado literal do texto mediante a aplicação de todos os recursos lingüísticos e históricos disponíveis, e estabelecer uma relação com o autor, confrontando suas experiências às dele. Se tal identificação não se produzir automaticamente, a ação do Espírito Santo se faz notar, estabelecendo-a. Desta forma, Martinho Lutero unifica os quatro sentidos da *Quadriga*, afirmando que o *sensus literalis unus est*. Indo mais além, formulou a afirmação de que a Escritura é *sui ipsius interpres* ³⁰, ou seja, de que a Escritura é sua própria intérprete.

II – A clareza da Escritura (*Claritas Scriptura*) é o princípio de que a Escritura é clara e acessível a todos os homens. Em sua polêmica com Erasmo, Lutero defendeu em um de seus mais profundos tratados teológicos, *De servo arbitrio*, que os textos menos claros (“mais obscuros”, para usar sua expressão) da Bíblia deveriam ser lidos e obter sua explicação à luz dos mais claros. A

²⁸ SURBURG, R. *The Significance of Luther's Hermeneutics for the Protestant Reformation*, pp. 246-251.

²⁹ SCAFER, F. *La Posición del Doctor Martín Lutero frente a las Sagradas Escrituras* in *Obras de Martín Lutero*, pp. 5-18. serve como texto base para a apresentação dos princípios de Lutero.

³⁰ “As Escrituras não podem ser entendidas sem o espírito com que foram escritas, e tal espírito não pode ser encontrado em outro lugar com mais evidência e força do que nas mesmas letras em que foram escritas”, in *Reafirmação de todos os artigos de M.Lutero frente a Bula de Leão X*, 1520 in WA 7, 97, 1.



clareza interna refere-se ao conteúdo, que só é claro e acessível aos homens pela ação do Espírito Santo ³¹.

III - *Solus Christus* foi o principal fio condutor da revolução hermenêutica promovida por Lutero. A cristologia de Lutero foi a propulsor de sua reforma teológica, podendo ser resumida segundo esses aspectos: Cristo é o centro de toda Escritura porque toda Escritura aponta para ele. Não é Cristo que fala da escritura, mas sim toda a Escritura é que fala dele. É Cristo quem revela e aclara a Escritura, o que faz com que esta tenha livros mais e menos importantes, dependendo do quanto anunciassem a Cristo. Por ser simultaneamente mensagem e anunciador da Lei e do Evangelho, Cristo unificou, em sentido e mensagem, o Antigo e o Novo Testamento. Lutero explicaria sempre o Antigo Testamento a partir de Cristo, como fizeram Paulo e os Apóstolos. Cristo seria, em essência, a própria Escritura, a Escritura toda, a Escritura encarnada ³².

IV - *Sola Scriptura* caracteriza a autoridade primeira e última da Escritura como Palavra de Deus. Não há outra autoridade que sustente a Igreja e estabeleça e normatize a fé, visto que somente Deus pode estabelecer artigos de fé. Contudo, é somente ao referir-se a Cristo que a Escritura se torna autoritativa. Desta forma, o Magistério e a hierarquia eclesiástica e mesmo a autoridade conciliar eram anuladas ou rebaixadas, como ele afirma em *Sobre a Igreja e os Concílios*, de 1532.

BIBLIOGRAFIA

BLUHM, H.. *Martin Luther Creative Translator*. St.Louis: Concordia, 1984.

BOHLMANN, R.. *Princípios de Interpretação da Bíblia nas Confissões Luteranas*. Porto Alegre: Concórdia, 1970.

³¹ WA 18, 609, 4; 18: 606, 22.

³² LOTZ, D. *Sola Scriptura: Luther on Biblical Authority*, pp. 269-273.



- BORNKAMM, H.. *Luther and the Old Testament*. Philadelphia: Fortress Press, 1969.
- CARTER, D.. *Luther as Exegete* in *Concordia Theological Monthly*, 32: 517-525.
- BRECHT, Martin. *Martin Luther – his road to Reformation 1483-1521*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- BUZZI, Franco. *Breve storia del pensiero protestante da Lutero a Pannenberg*. Roma: Ancora, 2007.
- COTTA, Gabriella. *La nascita dell'individualismo politico*. Roma: Il Mulino, 2002.
- DUMONT, Louis. *Essais sur l'individualisme*. Paris: Points, 1991.
- FORDE, G.. *Law and Gospel in Luther's Hermeneutic* in *Interpretation* XXVII, 3: 240-252, 1983.
- HENDRIX, S.. *Luther Against the Background of the History of Biblical Interpretation* in *Interpretation* XXXVII, 3: 229-239, 1983.
- KOIMANN, W.J.. *Luther and the Bible*. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1961.
- KOSTLIN, J.. *The Theology of Luther in its historical development and inner harmony*. Philadelphia: Lutheran Publication Society, 1986.
- LOHSE, Bernhard. *Martin Luther: an introduction to his life and work*. Philadelphia: Fortress Press, 1986.
- LOTZ, D.. *Sola Scriptura: Luther on Biblical Authority* in *Interpretation*, 35: 258-273.
- LUTERO, M.. *Obras de Martin Lutero*. Buenos Aires: Ediciones la Aurora, 1979.
- MUELLER, T.. *A Doutrina da Inspiração de Lutero* in *Igreja Luterana* XVIII, 2: 76-83.
- RAYMANN, A.. *Lutero e os Salmos* in *Igreja Luterana* 43: 13-21.
- REUTHER, T. *Lutero e a Inspiração da Palavra de Deus* in *Igreja Luterana* X, 1949.
- ROTTMANN, H.. *Das Sola Scriptura-Princip bei Luther* in *Igreja Luterana* XXV, 1 e 2 : 39 e 51.
- SCHÜLER, D.. *Lutero e o Método Hermenêutico* in *Igreja Luterana* 43: 21- 23.
_____. *O Princípio Hermenêutico de Lutero* in *Igreja Luterana* 37: 28-29, 1977.



_____. *Os princípios de tradução defendidos e seguidos por Lutero em sua tradução da Bíblia* in Igreja Luterana 47, 1: 74-77.

SURBURG, R. *The Significance of Luther's Hermeneutics for the Protestant Reformation* in Concordia Theological Monthly XXIV : 241-261.